

FÁBULA DO AMOR IRRESISTÍVEL

Existia um garoto de sete anos que vivia em um país distante onde o sol era tão escaldante que parecia nunca se pôr e fazia crer que não existiram jamais nuvens refrescantes.

Esse país era governado com mão de ferro por um déspota “disfarçado” de governante, que ninguém duvidava - e nem podia! -, amava seu povo e com ele e em nome dele haveria de elevar ao mais alto lugar na terra e dos céus o seu nome - desse povo e o seu próprio, claro está.

Num quarto humilde alugado de afogadilho pelo pai nas vésperas, vivia o garoto com a mãe e o pai, chegados de “favor” num navio de carga oferecido pelo tal governante, o pai um ano e meio antes.

O pai trabalhava numa instituição do governo, como quase todas as grandes instituições do país, como a escola pública em que estudava a segunda série – a mãe, do lar, como mandava a tradição na época e naquele país, tinha conseguido que o garoto comesse os estudos aos seis anos. Na verdade, era um sindicato onde o pai trabalhava, mas um sindicato do governo, que “representava” o comércio que era de particulares, como de resto todos os sindicatos naquele país.

Assim, despoticamente organizado, com a penetração da polícia do Estado que ninguém sabia onde estava ou quem a compunha, a vida corria sem sobressaltos para o garoto de sete anos. Da escola para casa, de casa para a escola, finais de semana na praia a comer belos camarões e caranguejos com muito refrigerante, iguarias que de onde vinha não as conhecia.

Um dia, na sala de aula, o garoto precisou ir ao banheiro bem no meio da aula, santo sacrilégio, pois os costumes o haviam educado e habituado a ir ao banheiro antes da aula, ou no intervalo, para evitar esse incômodo que atrapalharia os estudos seus e de seus colegas, bem como a erudita sapiência da Sra. Professora. O medo se instalou pela primeira vez com tanta veemência no garoto que ele preferiu não levantar sequer da carteira, um medo que jamais tinha sentido, e que de tão monstruoso o fez urinar nos calções que usava.

Descoberto o pecado cometido, o hediondo ato contra os bons-costumes, denunciado pela coleginha da carteira ao lado – e ali também descobriu o outro lado da maciez polida do sexo oposto -, foi castigado na frente de todos, na sala, com umas quatro palmadas de “palmatória”, uma régua comprida e grossa que ficava pendurada sempre à vista de todos e que era, sem dúvida, a verdadeira estratégia a educar os filhos daquela nação, os futuros heróis daquele país.

Enviado para casa, ou melhor, para o quarto alugado de afogadilho pelo pai, naquele país onde o sol escaldava tanto que parecia não existirem árvores e abrigos refrescantes, o garoto de sete anos chegou molhado do umbigo para baixo, a pingar de urina, suor e sangue, pois, na natural reação de defesa, ao lhe ser solicitado a mão direita para ser castigado, fugiu com a mão, o que obrigou a Sra. Professora a lhe segurar a mesma com raiva e a

lhe bater com toda a sua força, o que fez com que a palmatória lhe atingisse de quina a veia do pulso, que abriu imediatamente e começou a sangrar com alguma profusão.

A mãe se desespera ao ver a sangria, mesmo o garoto tendo estancado um pouco o sangue com o lenço que levava no bolso e que havia enrolado por sobre a ferida aberta pela palmatória no seu pulso – naquele país todos tinham lenço de bolso para assoar o nariz e não cuspir na rua, coisa de povo educado. Não havia como negar os motivos de tal punição, nem sequer esconder a ferida aberta e latejante. Mesmo adivinhando o que se seguiria, o garoto contou o acontecido.

Naquele mesmo instante, sem curativo ou troca de roupa, a mãe pega o garoto pelo braço, o mesmo da mão machucada, ou do pulso ferido, ou as duas coisas que doíam bastante, e a passos mais que largos corre para a escola e encontra a Sra. Professora junto com o Sr. Diretor no corredor. O que aconteceu em seguida o garoto de sete anos ainda vagamente se lembra, mas que a este prólogo pouco acrescentaria com exceção de uma frase da mãe que continua vívida hoje como naquele momento:

“Meu filho tem pai e mãe e endereço conhecido. Quem bate em meu filho sou eu e o pai se for preciso. Ele tem pais para se responsabilizarem por sua educação. Nunca mais, nunca mais (repetiu muitas vezes), ousem colocar um dedo sequer sobre meu filho!”.

Por causa do “endereço conhecido” naquela noite dormiram todos num outro quarto de pensão à beira-mar. Jamais em toda a sua vida o garoto esqueceu aquele luar, aquelas estrelas comprimidas naquele céu azul esmeralda, aquela maresia do atlântico trazida pela brisa, aquele leve e macio “farfalhar” das marolas do mar a degustar a areia cálida, e a sensação de segurança e amor que acarinhava sua alma e o fazia sentir o mais poderoso garoto de sete anos da terra e do universo.

Naquele dia aprendeu o valor e a pujança do *amor libertário* contra o despotismo dos homens.

*

Esta fábula é dedicada à memória de minha mãe, **um espírito de luz tão cedo levado** de meu convívio.